

# Surfe, mídia e cultura no Rio de Janeiro (anos 1960 aos anos 1980)

Surfing, media and culture in  
Rio de Janeiro, 1960's to 1980's

## **RAFAEL FORTES**

Comunicólogo, Historiador, Mestre e Doutor em  
Comunicação pela Universidade Federal Fluminense  
(UFF) e Professor do Departamento de Ciências Sociais da  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)  
[raffortes@hotmail.com](mailto:raffortes@hotmail.com)

---

**RESUMO:** O trabalho tem três objetivos. Primeiro, construir uma narrativa que dê conta das relações entre mídia, surfe e cultura na cidade do Rio de Janeiro nas três décadas em questão. Segundo, apresentar as contribuições da bibliografia existente. Terceiro, apontar temas, questões e rumos para novas pesquisas. O artigo aborda filmes, programas televisivos, impressos e outros produtos de comunicação realizados na cidade que foram importantes tanto para a consolidação e popularização do surfe no país quanto para a divulgação de uma imagem associada ao *carioca* e a um estilo de vida próprio.

**PALAVRAS-CHAVE:** História da comunicação; História da mídia; História do esporte.

**ABSTRACT:** The paper has three goals. First, to construct a narrative that accounts for the relationship between media, surfing and culture in the city of Rio de Janeiro between the 1960's and 1980's. Second, to present the contributions of the existing bibliography. Third, to point out themes, issues and directions for innovative research. In order to do so, the paper takes in to account films, television programs, newspapers, magazines, and other communication products originated in the city, which were important for the consolidation and popularization of surfing in the country as well as for the dissemination of an image associated with the *cariocas* (inhabitants of Rio) and with the city's lifestyle.

**KEYWORDS:** History of communication; Media history; Sport history.

*Em memória de Bert J. Barickman,  
que amava a praia, o Rio e o Brasil.*

## Introdução

O surfe tem notável importância para o Rio de Janeiro em termos culturais, sociais, econômicos, esportivos e turísticos. Amplos setores da juventude, praticando-o ou não, dialogam com valores, hábitos e objetos associados a esta atividade praticada nas ondas do mar. Contudo, tanto em termos de Brasil quanto desta cidade, o surfe tem sido escassamente investigado pela História. Não somam uma dezena os livros, teses e dissertações produzidos até hoje<sup>1</sup>.

A partir de tal avaliação, este trabalho tem três objetivos. Primeiro, construir uma narrativa que dê conta, respeitando o limite de extensão estabelecido pelos organizadores do dossiê, das relações entre mídia e surfe na cidade nas três décadas em questão. Segundo, apresentar as contribuições da bibliografia existente. Terceiro, apontar temas, questões e rumos para novas pesquisas. Para tanto, optei por estabelecer uma estrutura cronológica, tentando entrelaçar os três objetivos dentro de cada seção.

## Anos 1960

De acordo com Laderman (2014), houve uma “globalização da cultura do surfe no pós-guerra”, situada no contexto da disseminação de práticas e valores associados aos EUA após 1945 (p. 41). A modalidade e sua associação com o cinema foram um entre os muitos elementos usados por empresas, organizações não-governamentais e pelo próprio Estado norte-americano na busca por mercados e por hegemonia política e cultural. Laderman (2014, p. 42) argumenta que “as indústrias culturais dos EUA abraçarem o esporte” foi crucial para o “crescimento fenomenal” do surfe entre os anos 1950 e 1970. Além de disseminá-lo, tal processo fez com que ele fosse “naturalizado como, de alguma forma, americano” (LADERMAN, 2014, p. 55).

Embora o assunto ainda precise ser mais bem pesquisado, os trabalhos existentes apontam indícios de tal ocorrência no Rio de Janeiro. Por exemplo, Alves e Melo (2016, p. 6) citam depoimento de um surfista afirman-

do que lia *Surfer* e que assistira “ao filme *Endless Summer*, que havia sido exibido no Brasil no fim dos anos 1960, na embaixada dos Estados Unidos. O filme mudou a minha vida” (grifo nosso). Importantes revistas sobre o esporte publicadas na Califórnia, *Surfer* e *Surfing* eram vendidas em algumas bancas da cidade e avidamente procuradas e lidas, sobretudo durante a década de 1970.

Para Dias, Fortes e Melo (2012), a apreensão do surfe no Rio de Janeiro se deu inicialmente a partir de grupos de jovens de famílias de alta renda, moradores de bairros da Zona Sul (especialmente Copacabana), cujas praias eram (e continuam sendo) um espaço privilegiado para a prática esportiva<sup>2</sup>. Era comum tais jovens se envolverem com diversas atividades: vôlei, frescobol, mergulho, natação, pesca submarina.

O contato com equipamentos provinha de duas matrizes que dialogavam entre si. Por um lado, alguns destes jovens buscavam formas de produzir pranchas ou encontrar quem se dispusesse a fazê-lo. Assim como em outras cidades do Brasil e do mundo, houve um engajamento em iniciativas artesanais para a construção de pranchas — frequentemente, a partir de modelos ou fotos presentes em alguma revista nacional ou estrangeira. Paralelamente, travaram contato com estrangeiros que, de passagem ou residindo na cidade, traziam pranchas, surfavam e as emprestavam ou regalavam aos locais (DIAS, 2008). Além disso, chegavam do exterior pranchas trazidas por empregados — brasileiros e estrangeiros — de companhias aéreas.

No âmbito cultural, Dias, Fortes e Melo (2012) argumentam que movimentos como a Bossa Nova e o Cinema Novo, que contavam com participação de diversos artistas e intelectuais residentes em Ipanema e Copacabana, contribuíram para colocar a praia e o mar como um tema que cativavam corações e mentes em todo o país. Do ponto de vista econômico e social, os jovens que surfavam estavam próximos deste universo, havendo uma “justaposição de redes de relacionamento” (DIAS, FORTES, MELO, 2012, p. 117; DIAS, 2008). Uma das evidências de tais contatos é o filme *Garota de Ipanema* (1967), dirigido por Leon Hirszman.

Revistas e jornais da cidade começaram a fazer reportagens apresentando a *novidade* para o público e destacando sua origem nos EUA. Em meados da década, surgiram, nos periódicos, espaços que abordaram o tema com alguma regularidade; organizaram-se campeonatos; e criou-se uma Federação Carioca de Surf, que não perduraria no tempo (DIAS, FORTES, MELO, 2012).

Hábitos de alimentação, vestuário e estilo, além de um forte componente geracional, vão dando uma certa conformação a estes grupos de jovens

que passaram a ser identificados e a se identificar como surfistas (DIAS, FORTES, MELO, 2012). Num sentido mais amplo, Dias (2008, p. 19) argumenta que “a urbanização implementada no Rio de Janeiro nas décadas de 1960 e 1970 foi um importante elemento para explicar o aparecimento e a difusão dos esportes na natureza”. Tal tendência esteve relacionada com a especulação imobiliária e a promoção da Barra da Tijuca como um bairro atrativo para se morar.

## Anos 1970

Nos anos 1970, o *locus* principal do surfe transita de Copacabana e do Arpoador para o Píer de Ipanema<sup>3</sup> Segundo Alves e Melo (2016), cresceu consideravelmente o número de surfistas neste último bairro. Em 1972, um campeonato contou com 150 participantes. Em 1973, o píer seria desmontado. De acordo com os autores, o ambiente do píer, também frequentado por artistas, foi crucial para aproximar os surfistas de certas práticas da contracultura — um novo empréstimo de valores oriundos dos EUA, mais especificamente do litoral da Califórnia, tema explorado por Alves e Melo (2016) e Dias (2008) e que merece aprofundamento e novas investigações. O mito fundador que estabelece o píer e a primeira metade dos anos 1970 como local e época de formação de uma nova cultura também aparece no documentário *Brasil Surf Doc: a história da primeira revista brasileira de surfe*, de 2015, dirigido por Olívio Petit.

Tais opções dos jovens foram objeto de conflito geracional com os pais, que associavam valores negativos ao surfe: hábitos (modos de falar e de se vestir, uso de cabelo longo), uso de drogas, pouca afeição a estudo e/ou trabalho (ALVES, MELO, 2016, p. 4; FORTES, 2008, 2011). Outros conflitos afetavam a prática: “Na primeira metade da década de 1970, o surfe foi proibido nas praias cariocas entre 8-14h” o que, segundo o surfista Rico de Souza, ocorrera porque “a prancha, solta, acabava machucando os banhistas e a imprensa fazia campanha contra o surf” (FORTES, 2008, p. 5; SOUZA, 2004, p. 41). Trata-se de tema a pesquisar, assim como o âmbito mais geral dos conflitos nas praias — objeto de interesse do historiador estadunidense Bert J. Barickman, que infelizmente faleceu no fim de 2016, deixando ainda inédita a maior parte de sua extensa pesquisa sobre as praias cariocas.

Surgiram lojas que investiram no esporte por meio do patrocínio de equipes (como a Magno), de indivíduos e de campeonatos (como a Waimea,

que bancou o Waimea 5000, competição que inseriu a cidade e o país, em 1976, no então recém-criado Circuito Mundial de Surfe)<sup>4</sup>, bem como de anúncios na revista *Brasil Surf*, que será tratada adiante.

Empresas de comunicação também fomentaram o esporte e lhe deram visibilidade. Rico de Souza, então patrocinado pela Rede Globo, afirma que o responsável por seu contrato na emissora “deu 30 segundos antes do Jornal Nacional chamando para esse campeonato [Waimea 5000] no Arpoador<sup>5</sup>”. Ele diz ainda ter trazido, entre 1976 e 1988 (sem especificar o ano), “os primeiros filmes de surf para a televisão brasileira, que eram exibidos no Esporte Espectacular [programa da TV Globo]” (SOUZA, 2004, p. 54). Aliás, a emissora publicou anúncio na revista *Brasil Surf* para promover a estreia do programa.

A proximidade e as imbricações entre surfe e os estúdios cinematográficos de Hollywood, na Califórnia, contribuíram para que o primeiro conquistasse corações e mentes nos EUA. Parece-me razoável levantar a hipótese de que há elementos em comum com o que se deu no Rio e no Brasil. No caso brasileiro, o processo se deu principalmente através da televisão: a proximidade (estética, de classe social, de convivência na Zona Sul etc.) de setores da juventude surfista ou próxima ao surfe<sup>6</sup> com profissionais da Rede Globo, bem como o próprio fato de a emissora ter no município as sedes de sua produção jornalística, de entretenimento e de esportes talvez tenha ajudado a colocar o surfe — na verdade, uma construção de um estilo de vida em torno da prática, pautado no comportamento e em traços de classe social de um setor da juventude frequentador de determinadas praias — como um modo de vida desejável para grandes setores da infância, adolescência e juventude de todo o país. Isto se deu tanto via ficção (novelas, seriados, filmes) quanto telejornalismo — além das relações com a modalidade descritas no parágrafo anterior.

Em meados da década, foi criada na cidade aquela considerada por muitos a primeira revista de surfe nacional: *Brasil Surf*. Flávio Dias (diretor comercial) e Alberto Pecegueiro (diretor editorial), entre outros, foram responsáveis pela iniciativa<sup>7</sup>. As marcas de pertencimento de classe social novamente aparecem: para a realização da ideia, foram fundamentais a atuação e o apoio de Juvêncio Dias: pai de Flávio, era proprietário de uma agência de publicidade e de uma gráfica e sócio do Iate Clube do Rio de Janeiro. As reuniões aconteciam em sua residência em Copacabana, e muito do processo artesanal de elaboração da *boneca* dependeu dos conhecimentos de Juvêncio<sup>8</sup>.

Do ponto de vista econômico, tanto a revista como o surfe de uma maneira geral beneficiaram-se do interesse de empresas que enxergaram

no esporte uma forma de se comunicar com o público juvenil e buscaram se associar a ele. Tal foi o caso de fabricantes de refrigerante, empresas de comunicação e uma montadora de veículos. A publicação contou também com anunciantes da cidade — em geral, lojas e/ou marcas de *surfwear*<sup>9</sup>.

Segundo o jornalista Reinaldo Andraus, foram publicados 19 números entre o primeiro semestre de 1975 e o segundo de 1978<sup>10</sup>. Em certo sentido, pode-se afirmar que a criação de *Brasil Surf* era também um esforço dos fundadores para estabelecer uma atividade profissional e, ao mesmo tempo, manter-se dentro do surfe — da mesma forma que outros criaram “pequenos empreendimentos (...) de fabricação e venda de pranchas” (DIAS, 2008, p. 134)<sup>11</sup>. O filme *Brasil Surf Doc* argumenta que a crise econômica que se seguiu à do petróleo, bem como a alta do preço de insumos (papel e fotolito), inviabilizaram a continuidade da publicação. De fato, após um *boom* por volta de 1977, há um refluxo do surfe nos anos iniciais da década de 1980. Por exemplo, o país ficou sem receber o Circuito Mundial entre 1983 e 1985. Antes disso, foram produzidos na cidade filmes como *Nas ondas do surf* (1978) e *Nos embalos de Ipanema* (1979), sendo ela também o local em que se passa parte da trama do primeiro e todo o segundo. Retorno a eles na próxima seção.

A documentação relativa à modalidade no âmbito municipal é um dos acervos ainda inexplorados, e que provavelmente permitirão discutir aspectos políticos, mas também econômicos e culturais da história desta prática. Considerando a participação ativa da Prefeitura na autorização, apoio e/ou patrocínio para a realização de campeonatos, circuitos e eventos amadores e profissionais, sobretudo a partir dos anos 1970, é provável que diversas questões possam ser investigadas a partir da documentação do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Por exemplo, o documentário *Brasil Surf Doc* menciona a existência de um “projeto de lei que providenciaria a iluminação no Arpex [Arpoador] para a prática noturna do surfe<sup>12</sup>”.

## Anos 1980

O surfista e empresário Ricardo Bocão (70 & Tal, 2014, temporada 1, episódio 14) sintetiza as mudanças que, na visão de muitos, foram introduzidas no início dos anos 1980:

O romantismo (...) do surfe, do ar puro, da água limpa, do aspecto nada comercial, ele continuou até o final dos anos 70. (...) acho que só no início

dos anos 1980, com o desenvolvimento dos campeonatos, dos circuitos, dos veículos fortes (com a *Visual Esportivo, Fluir*), o surgimento do programa *Realce*, marcas de *surfwear*, foi que o romantismo começou a sofrer uma divisão. Não digo nem um baque, mas assim: metade olhava o surfe como esporte e metade olhava como uma atividade filosófica, ideológica, bacana, espiritual<sup>13</sup>.

A possibilidade de profissionalização ensaiada no final dos anos 1970 viraria realidade a partir de meados da década seguinte. Antes,

na transição dos anos 70 para os anos 80 foram lançados quatro longas-metragens nos quais o surfe esteve centralmente presente, todos atraindo grande público: *Nas ondas do surf*, de Lívio Bruni Júnior (1978); *Nos embalos de Ipanema* (1978), *Menino do Rio* (1981) e *Garota dourada* (1983), os três de Antônio Calmon (MELO, FORTES, 2009, p. 283).

Todos foram produzidos no Rio de Janeiro.<sup>14</sup> *Nos embalos de Ipanema* e *Menino do Rio* são fontes particularmente ricas em termos de construção de representações do Rio de Janeiro, inclusive no que diz respeito às clivagens de classe social e de *subúrbio versus Zona Sul*. *Menino do Rio* tornou-se um ícone da divulgação da cultura do surfe carioca para adolescentes e jovens de diversas partes do território nacional (para uma análise dos filmes, ver MELO, FORTES, 2009).

Ainda no período tratado por Bocão, novelas da Rede Globo como *O pulo do gato* (1978), *Água viva* (1980), *Sol de verão* (1982) e *Partido alto* (1984) abordaram a cultura de praia e/ou tiveram personagens surfistas, na maioria das vezes interpretados por Kadu Moliterno e André de Biasi. Na mesma emissora, também produzido no Rio de Janeiro e protagonizado pela dupla de atores, o seriado *Armação ilimitada* (1985-1988) obteve grande sucesso “e foi decisivo para transformar o surfe em moda no Brasil” (FORTES, 2010, p. 98).

Fora da dramaturgia, em 1983 estreava um programa especializado em esportes radicais: *Realce*. Veiculado na TV Record do Rio de Janeiro, era retransmitido para outros estados e foi importante para a divulgação e consolidação do surfe no país (BRYAN, 2004, p. 281; FORTES, 2010, p. 99). O surfe também recebeu espaço em programas esportivos da televisão. Sendo esta um veículo de notável penetração e importância, a visibilidade propiciada pela aparição em diferentes programas impulsionou a modalidade.



Novamente, o Rio se destaca como local de produção, mas também em que se passa a trama de boa parte dessas produções midiáticas. Os fatos de ter sido capital e de nela estarem sediadas importantes produtoras de cinema e parte significativa da produção jornalística e de entretenimento de redes de televisão (sobretudo da Rede Globo) contribuíram para que, conforme argumentei, o modelo cultural de surfe e do surfista disseminados nacionalmente fossem aqueles da Zona Sul (e, posteriormente, em alguma medida também da Zona Oeste).

Novas relações se estabeleceriam entre surfe e música na cidade. Artistas de sucesso no período, como Herbert Vianna (Os Paralamas do Sucesso), Evandro Mesquita (Blitz) e Léo Jaime surfavam (FORTES, 2010, pp. 94-95). Outros participaram das trilhas sonoras ou atuaram em filmes como *Menino do Rio* e *Garota dourada* — ambos, aliás, cujos nomes são títulos de canções de sucesso no início da década —, como Lulu Santos, Nelson Motta, Marina Lima, Evandro Mesquita e Sérgio Mallandro (MELO e FORTES, 2009). Nesta e também em parte da década seguinte, o surfe teve espaço em emissoras de rádio FM sediadas no município, como *Cidade* (102,9MHz) e *Universidade* (107,9MHz) além da *Fluminense* (94,9MHz), localizada no Centro de Niterói, mas cujo sinal era captado na capital.

No segundo semestre de 1980, começou a circular *Visual Esportivo*, editada no Rio de Janeiro, “sob o comando de Jaques Nery e dos irmãos Nilson e Nilton Barbosa<sup>15</sup>”. Em 1985, os editores lançaram *Visual Surfe*, em 1989, *Visual Bodyboard* (FORTES, 2011)<sup>16</sup>. Consegui identificar outros títulos editados na cidade, com os anos exatos ou aproximados de lançamento: *Jornal do Surf* (1986), *Now* (1987), *Realce* (1980), *Surf News* (1985), *Staff* (1985) e *Surfer Brasil* (1980)<sup>17</sup>. Circularam ainda títulos produzidos em outros estados, como *Fluir* (SP, 1983), *Hardcore* (SP, 1989) e *Inside* (SC, 1984), além de continuarem sendo consumidas as californianas *Surfer* e *Surfing*.

Dentro e fora do mar, o surfe popularizava-se e tornava-se referência para amplos setores da juventude carioca: “Ao longo da década de 80 surgiram moradores de favelas e mesmo dos subúrbios que se identificaram com a prática, rompendo com suas origens, circunscritas inicialmente à Zona Sul da cidade” (DIAS, 2008, p. 142). Uma das expressões disto foi o fascínio que marcas como Arrebentação, Company, Cyclone, K&K e Píer exerciam junto a crianças, adolescentes e jovens (e também adultos). Estes processos parecem ter sofrido desdobramentos na década seguinte, mas tal discussão extrapola o escopo deste artigo — e constitui mais um tema a investigar.

## Considerações finais

Argumentei, neste texto, que praticamente tudo está por pesquisar no que diz respeito à história do surfe no Rio de Janeiro. Há muitos temas e questões em aberto nas três décadas — e quase nada se investigou sobre as anteriores ou posteriores. Como afirmei em outra ocasião, a construção “de uma — ou muitas! — história social do surfe no Rio de Janeiro (...) é algo ainda por fazer” (FORTES, 2008, p. 14).

Os impressos foram a principal fonte de quase todas as pesquisas realizadas até o momento<sup>18</sup>. Mesmo assim, episódios, períodos, questões, processos e mesmo periódicos permanece por investigar, sejam tratados como fonte e/ou como objeto. Especializados ou não, eles contêm textos e imagens preciosos para a compreensão dos significados atribuídos ao surfe e aos surfistas ao longo das décadas, e das maneiras encontradas pelos veículos e por quem neles trabalhava para apresentar este universo aos leitores.

Mesmo no caso do cinema, ainda há carência de trabalhos que aprofundem as questões apontadas pelas raras iniciativas levadas a cabo. Rádio e televisão são terrenos inexplorados.

Do ponto de vista mais amplo, extrapolando os meios de comunicação, também está quase tudo por fazer: história política, econômica ou cultural do surfe no município, bem como exploração de aspectos como raça/etnia, classe social, gênero e questões sócio-espaciais (localismo, circulação de surfistas pelas praias da cidade).

## Notas

1 Aspectos do surfe na cidade, nos anos 1960, foram discutidos por Dias (2008, pp. 91-106) e Cruz (2012). Contudo, ainda estão por construir histórias-problema do surfe no município no período, assim como nas décadas seguintes.

2 Também o eram praias de outras áreas da cidade. No entanto, não foram, naquele momento, lugar de prática do surfe, por serem pouco frequentadas (Zona Oeste), ou por terem poucas ondas, uma vez que se localizavam dentro da Baía de Guanabara (algumas praias da Zona Sul, Centro e Zona Norte).

3 Montado para a construção de um emissário submarino de esgoto.

4 O Waimea 5000 foi a etapa brasileira do circuito entre 1976 e 1982 (exceto em 1979, quando não houve campeonato no país). Disponível em: <http://www.datasurfe.com.br/2009/03/as-seis-edicoes-do-waimea-5000-1976.html>. Acesso em: 01/04/2017.

5 No documentário **Brasil Surf Doc**.

6 Sobre o pertencimento em termos de classe social e a associação com Ipanema (inclusive o fato de muitos morarem no bairro), conferir: De “bequisaide” numa boa “uêive”. *Opinião*, n. 80, 20 mai. 1974, p. 6 e Um surfista em fim de carreira. *Opinião*, n. 187, 4 jun. 1976, p. 3.

7 Segundo depoimentos do documentário **Brasil Surf Doc**, um outro grupo na cidade se reunia em torno da ideia de fazer uma revista de surfe, tendo sido a equipe que produziu **Brasil Surf** a pioneira a colocá-la em prática.

8 Conferir: **Brasil Surf Doc**, 2015. Direção: Olívio Petit. Produção: Massangana Filmes, Rio de Janeiro, Massangana Filmes/Grupo Sal, 2015.

9 Conferir: **Brasil Surf Doc**, 2015.

10 Conferir: ANDRAUS, Reinaldo. *Brasil Surf: A revista que inspirou os surfistas dos anos 70*. **Blog do Dragão** — Histórias do Surf, 14 de fevereiro de 2014. Disponível em: <http://surfdragonblog.blogspot.com.br/2014/02/brasil-surf.html>. Acesso em: 01/04/2017.

11 Este argumento, bem como depoimentos sobre a relevância de **Brasil Surf**, também aparece em **70 & Tal** (série).

Temporada 1, episódio 14: Mídias de surfe. MELLIN, Rafael (direção, concepção, roteiro). Exibido no *Canal Off* em 1º de janeiro de 2014.

12 Conferir: **Brasil Surf Doc**, 2015.

13 **70 & Tal** (série). Temporada 1, episódio 14: Mídias de surfe. MELLIN, Rafael (direção, concepção, roteiro). Exibido no *Canal Off* em 1 jan. 2014.

14 Os dados relativos ao local de produção foram pesquisados na base de dados da Cinemateca Brasileira. Disponível em: <http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/>. Acesso em: 30/04/2017.

15 Conferir: <http://surfdragonblog.blogspot.com.br/2014/02/brasil-surf.html>. Acesso em: 01/04/2017.

16 **Visual Esportivo** continuou abordando o surfe.

17 Parece-me que **Surf People** (1989) também era editado na cidade, mas não encontrei fontes que me permitam ter certeza. É possível que outros títulos tenham circulado sem terem sido identificados em meu levantamento, realizado principalmente em Warshaw (2003) e no site da coleção de periódicos de Al Hunt (Disponível em: <http://allsurfmagazines.com/magazines/brazil>. Acesso em: 16/12/2017). Em muitos casos não é possível saber o local de publicação, já que no site da coleção estão disponíveis (apenas) as capas, e a ampla maioria delas não traz tal informação (ou, ao menos, números diferentes com assuntos que se repetem e permitem inferir o local de publicação). Além disso, considero muito provável que outros impressos (fanzines, por exemplo) tenham sido publicados e escapem às duas listas.

18 A exceção é Cruz (2012).

## Referências bibliográficas

- ALVES, Vladimir Zamorano; MELO, Victor Andrade de. Um novo barato: surfe e contracultura no Rio de Janeiro dos anos 1970. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, pp. 1-8, ahead of print, 2016.
- BRYAN, Guilherme. **Quem tem um sonho não dança**: cultura jovem brasileira nos anos 80. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- CRUZ, Ana Carolina Costa. **Mulheres**

**nas pranchas:** trajetórias das primeiras competidoras do surfe carioca (década de 1960). 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

DIAS, Cleber; FORTES, Rafael; MELO, Victor Andrade de. Sobre as ondas: surfe, juventude e cultura no Rio de Janeiro dos anos 1960. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 49, pp. 112-128, jan.-jun. 2012. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/3669/2834>. Acesso em: 27/07/2012.

DIAS, Cleber A. G. **Urbanidades da natureza:** o montanhismo, o surfe e as novas configurações do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

FORTES, Rafael. Notas sobre surfe, mídia e história. **Recorde: Revista de História do Esporte**, v. 1, n. 2, pp. 1-15, dez 2008. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/777/718>. Acesso em: 01/04/2017.

FORTES, Rafael. O surfe brasileiro e as mídias sonora e audiovisual nos anos 1980.

**Logos**, ed. 33, v. 17, n. 2, pp. 90-105, 2º. sem. 2010. Disponível em: [http://www.logos.ufrj.br/PDFS/33/08\\_logos33\\_fortes\\_surfe.pdf](http://www.logos.ufrj.br/PDFS/33/08_logos33_fortes_surfe.pdf). Acesso em: 03/04/2017.

FORTES, Rafael. **O surfe nas ondas da mídia:** esporte, juventude e cultura. Rio de Janeiro: Apicuri/Faperj, 2011.

LADERMAN, Scott. **Empire In Waves:** A Political History of Surfing. Berkeley: University of California Press, 2014.

MELO, Victor Andrade de; FORTES, Rafael. O surfe no cinema e a sociedade brasileira na transição dos anos 1970/1980. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 23, n. 3, pp. 283-96, jul.-set. 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1807-55092009000300009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-55092009000300009&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 16/07/2012.

SOUZA, Rico de. **Boas ondas:** surfando com Rico de Souza. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

WARSHAW, Matt. **The Encyclopedia of Surfing**. Orlando: Harcourt, 2003.

Recebido em 12/07/2017  
Aprovado em 25/09/2017